Epístola a John Gabriel

Wladimir Caetano de Sousa, 25 de janeiro de 2025
Versão modificada: 6 de maio de 2025

Oi, John.

Encontro-me quase ao término da seção dedicada aos jesuítas na obra *Infinitesimal: a teoria matemática que mudou o mundo*, de Amir Alexander (Zahar, 2016). Como era de se esperar, Alexander apresenta os eventos sob a ótica dos defensores da doutrina dos infinitesimais, distorcendo, em certa medida, a história da Igreja no período — o que não surpreende, dada sua filiação judaica. Seria como esperar que um torcedor do Panathinaikos narrasse com imparcialidade a história do Olympiacos.

O que eu posso afirmar, com certo pesar, é que, caso a cabala judaico-maçônica que hoje domina o mundo e impõe sua mitologia sobre a civilização não tivesse conspirado para a supressão da Companhia de Jesus, talvez a história das ciências exatas (ou até mesmo das ciências humanas) tivesse seguido outro curso.

Os jesuítas, profundamente familiarizados com os escritos de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino, estavam cientes das contradições inerentes à doutrina do infinitesimal. Em sua *Física*, Aristóteles afirma que nenhum contínuo é divisível em entes sem partes. A mera sugestão de que uma grandeza contínua pudesse ser composta de unidades indivisíveis era, para os revisores da Companhia, filosoficamente inaceitável.

A Companhia de Jesus emitiu nada menos que quatro condenações formais à doutrina dos infinitesimais. Em 1651, publicou-se uma série de teses filosóficas definitivamente banidas do ensino nos colégios jesuíticos, entre as quais figuravam proposições relativas à natureza do *continuum*. Para os jesuítas, a teoria infinitesimal não passava de uma reedição do atomismo filosófico, agora transposto para o campo da matemática — uma posição absolutamente inconciliável com a metafísica aristotélica e, sobretudo, com a doutrina católica.

O próprio superior-geral da Companhia, Vincenzo Carafa, ao ser informado do ensino de tais ideias em alguns colégios, escreveu indignado ao provincial da Baixa Alemanha, Nithard Biberus: “*Quando vim a saber que há alguns na Companhia que seguem [a doutrina de] Zenão e pronunciaram, num curso de filosofia, que uma grandeza é composta de meros pontos, fiz saber que isso não tem a minha aprovação*”.

A referida carta, bem como as teses condenadas, podem ser consultadas em Georg Pachtler, *Ratio studiorum et institutiones scholasticae Societatis Jesu*, vol. 3, 1887, p. 76 e 90–97.

Serei franco contigo, John: ignoro se crês em Deus, se és ateu ou agnóstico. O que sei é que o conflito em questão está longe de se limitar à resistência de um grupo de escolásticos tacanhos frente a uma suposta teoria revolucionária inofensiva. Eu sou católico, e conheço, com alguma clareza, a batalha travada no âmago da nossa civilização há séculos. O problema é de outra ordem, muito mais profunda. É inconcebível que os sumos-sacerdotes da religião cientificista moderna ignorem a verdade — eles a conhecem. Mas não podem ceder, não querem ceder, pois sabem que as consequências seriam irreversíveis. Sabem o risco existencial a que estariam expostos se reconhecessem o equívoco.

A supressão da velha Companhia de Jesus — que nada tem em comum com a atual, inteiramente cooptada pelos servidores da Nova Ordem Mundial — foi condição *sine qua non* para o avanço dessa agenda.

Lamentavelmente, os jesuítas não nos legaram uma alternativa positiva à doutrina do infinitesimal. Sabiam que ela era metafisicamente errônea, mas não ofereceram uma resposta sistemática à altura. E eis aqui, John, o paradoxo: foste tu o primeiro a fazê-lo. Teu infortúnio é ter nascido trezentos anos depois do auge desse combate. Se tivesses vivido naquele contexto, propondo teu *The New Calculus*, não tenho dúvidas de que serias celebrado como um verdadeiro gênio por aqueles doutíssimos padres, pois tua obra alinha-se com perfeição à tradição geométrica clássica promovida pelos jesuítas — tradição que sucumbiu com a supressão da Companhia e a ascensão da Pérfida Albion como potência econômica e cultural.

O próprio matemático jesuíta André Tacquet (1612–1660) antecipou as consequências funestas da aceitação dessa doutrina. Em seu *Cylindricorum et annularium libri IV* (1651), declarou: *“Os infinitesimais devem ser destruídos, ou então a matemática será destruída”*.

Que Deus, em sua infinita misericórdia, nos livre o quanto antes dessa assembleia de vigaristas e pseudo-sábios metidos a matemáticos.